

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

Nº 109

SETEMBRO DE 1997

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
E LETRAS - PUCRS
CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Ciotel

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho editorial

para assuntos lingüísticos

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Prof^a Dra. Leonor Sciar

Cabral, Prof^a Dra. Leci Borges Barbisan, Prof^a

Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

Para assuntos interdisciplinares:

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr. Mons.

Urbano Zilles.

Para assuntos literários:

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Prof^a Dra.

Heda Maciel Caminha, Prof^a Dra. Petrona

Domínguez de Rodrigues Pasqués e Prof^a

Dra. Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$ 22,00

Exterior US\$20

Número avulso R\$ 6,00

Formas de pagamento:

Cheque ou vale postal em nome da

Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

E-mail: edipucrs@music.pucrs.br

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Lingüística e

Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente -

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÊ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967) - - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos.

1. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/89 (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

Letras de Hoje
estudos e debates
de assuntos de
lingüística, literatura
e língua portuguesa

PUCRS

SUMÁRIO

Apresentação <i>Regina Zilberman</i>	5
A comédia	
O cômico e o riso <i>Cláudia Maria Perrone</i>	7
O riso como efeito estético <i>Gislaine Simone Silva Marins</i>	11
O cômico: comentários sobre as concepções de Propp, Freud e Bergson <i>Lawrence Flores Pereira</i>	15
O <i>Sonho de uma noite de verão</i> <i>Lawrence Flores Pereira</i>	29
Bem está o que bem acaba? <i>Cláudia M. Perrone</i>	51
O doente imaginário e a terapêutica do riso <i>Gislaine Simone Silva Marins</i>	63
Algumas perguntas, algumas respostas <i>Maria Helena Rouanet</i>	71
Literatura Brasileira	
Cultura e dominação: o discurso crítico no século XIX <i>Rita Terezinha Schmidt</i>	83
Uma geração de críticos quase esquecida. O resgate da trajetória intelectual de Eugênio Gomes <i>Ívia Alves</i>	91
A poética das <i>Estórias</i> roseanas <i>Kathrin H. Rosenfield</i>	119
Jorge Luís Borges Sigurd/Brynhild e Javier Otárola/Ulrica: uma aproximação que singulariza <i>Fiorina Matilde Macedo Torres</i>	139

APRESENTAÇÃO

A comédia é um gênero dramático bastante antigo, remontando os primeiros textos produzidos no Ocidente ao século V a. C., época do apogeu da tragédia, em Atenas. Contudo, poucos estudos se detêm sobre essa modalidade de expressão. Mesmo Aristóteles, que cita a origem e as características dominantes da comédia na *Poética*, confere grande ênfase e destaque à tragédia, deixando de lado as obras e os autores voltados à manifestação do riso e da comicidade.

Supostamente a comédia seria matéria de um segundo volume da *Poética*, provavelmente perdido. Umberto Eco desenvolve a trama de seu mais famoso romance, *O nome da rosa*, em torno da hipótese de que a obra teria sobrevivido até a Idade Média, mas de modo clandestino, condenada pela Igreja. Richard Janko, em 1984, mesmo ano da publicação do livro de Eco, lança seu estudo sobre a *Poética II*, tratando de restaurar o possível texto original de Aristóteles.

Os dois fatos, somados, mostram a relevância de se enfatizarem estudos sobre o cômico: de um lado, por serem raros; de outro, por estarem motivando críticos e ficcionistas a se posicionarem perante a questão. Além disso, há antecedentes teóricos ilustres: Henri Bergson é autor de um importante ensaio sobre o riso; Sigmund Freud conferiu ao chiste o mesmo estatuto do sonho e da arte enquanto manifestações de desejos inconscientes. Por essa razão, destinou-se parte desse volume de *Letras de Hoje* a pesquisas sobre o cômico e sobre comédias – as de William Shakespeare e Molière –, procurando dar maior encorpamento a esse campo de reflexão teórica.

Outra parte do volume dá continuidade a um compromisso permanente de nossa revista: a publicação de estudos sobre a Literatura Brasileira e sua história. Obras do século XIX e do século XX são aqui analisadas sob perspectivas originais, enriquecendo a bibliografia nacional sobre a produção literária de nosso país.

Completa esse volume o trabalho de Literatura Comparada que tem o conto “Ulrica”, de Jorge Luís Borges, como objeto. Autor de incomparável riqueza artística, Borges é igualmente um narrador sutil que incorpora a tradição literária a seu texto, obrigando o

hermeneuta a trilhar de novo com acuidade e tirocínio os caminhos percorridos pelo autor. É o que o estudo publicado mostra, apresentando-se simultaneamente como exemplo modelar da busca de fontes literárias e sugestões poéticas, conforme um processo que conduz à interpretação e conhecimento do texto.

Os ensaios editados resultam, de um lado, de atividades didáticas desempenhadas por alunos e professores do Curso de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; de outro, da contribuição de pesquisadores que atuam em instituições universitárias de prestígio e reconhecimento. São dois tipos de proveniência, que tanto facultam o intercâmbio entre níveis e perspectivas diversas, como realizam os objetivos da pesquisa acadêmica em nosso país – os de dar vazão à produção competente, estimulando a troca e a fertilidade intelectual. Esses objetivos sempre estiveram presentes na história de *Letras de Hoje*, sendo eles concretizados mais uma vez, com os textos que se seguem.

Regina Zilberman

O cômico e o riso

CLÁUDIA MARIA PERRONE

Na sua *Crítica da faculdade do juízo*, Kant faz uma distinção entre o que apraz ao ajuizamento (1993, p. 175) e o que deleita. O deleite, mesmo que sua causa esteja radicada nas idéias, é um sentimento de *promoção da vida inteira*, está ligado ao bem-estar corporal, isto é, ao sentimento de saúde.

Todo jogo livre das emoções, que não precisa ter como fundamento uma intenção, deleita porque promove, segundo Kant, o sentimento de saúde. E esse deleite pode chegar até o afeto. Um exemplo do deleite pelo deleite são os saraus sociais, puro jogo interessado apenas no entretenimento. Mas os afetos de esperança, medo, alegria, raiva ou outro qualquer circulam pelo salão e são tão vivos que promovem no corpo uma vivacidade de ânimo engendrada pelo puro jogo, embora nenhum ganho ou aprendizado tenha se produzido.

Nesses salões do filósofo está o riso, produzindo uma representação do entendimento onde nada é pensado. Ele deleita pela alternância. Embora suscitado por idéias do ânimo, a vivificação que vem do cômico é corporal, é a “função vital promovida no corpo” (1993, p. 179) e torna o deleite possível tomando a alma como a médica do corpo.

Kant, no entanto, identifica um fundo obscuro que provoca o riso. Tudo o que pode provocar um riso vivo e abalador, diz ele, tem algo de absurdo. Daí sua principal idéia: o riso é um afeto resultante da súbita transformação de uma tensa expectativa em nada (1993, p. 179). Mesmo que o riso não provoque o entendimento diretamente ele tem a influência viva da representação que age sobre o corpo e sobre o ânimo. A expectativa frustrada gera deleite porque pelo simples jogo de representações se produziu um equilíbrio de forças vitais.

O sisudo Kant se reserva o direito de contar uma pequena história cômica para exemplificar sua posição:

“Se alguém conta que um índio – que à mesa de um inglês em Surate viu abrir uma garrafa de cerveja e toda ela, transformada em espuma, derramar-se – mostrava com muitas exclamações sua grande estupefação e à pergunta do inglês – ‘que há aqui para surpreender-se tanto?’ – respondeu: ‘eu também não me admiro que ela saia, mas de como vocês conseguiram metê-la aí dentro’, então rimos e sentimos um afetuoso prazer, não porque porventura nos consideramos mais inteligentes que esse néscio ou por algo complacente que o entendimento nos tenha permitido observar aí; mas nossa expectativa estava tensa e subitamente se dissipa em nada” (1993, p. 178).

E Kant ressalta que o cômico não converte a tensão no oposto positivo de um objeto esperado, mas converte subitamente em nada. O chiste tem um momento que joga com engano e, segue Kant, quando termina em nada o ânimo rememora para tentar acessá-lo mais uma vez, num rápido movimento de tensão e distensão, onde a retirada daquilo que por assim dizer *esticava a corda ocorreu subitamente*, e tem que dar origem a um movimento do ânimo e do corpo que, harmonizando-se internamente com aquele, perdura involuntariamente e produz fadiga, mas também divertimento.

Kant conclui que o deleite proveniente do riso, mesmo pertencendo à originalidade do espírito, não é, ainda, a bela arte. O humor implica na capacidade de arbitrariamente transportar-se a uma certa disposição ânimo, em que todas as coisas são ajuizadas de modo inteiramente diverso do habitual (até inversamente) e, contudo, conforme certos princípios da razão em uma tal disposição de ânimo. Essa é uma esfera da arte agradável e não da bela arte, em que o objeto tem que mostrar em si alguma dignidade e, por isso, requer seriedade na sua apresentação.

A mesma questão do cômico e do riso pode ser flagrada em várias passagens de *Assim falou Zaratustra* de Nietzsche. O homem corajoso é aquele que consegue rir de si mesmo. O Deus deve ser aquele que dança pois o reino do espírito da gravidade é o do diabo. Não é com a ira que se mata, mas com o riso. De imediato é claro que o riso é parte do domínio do espírito livre, só ele é efetivamente capaz de rir. A questão do riso está na esfera da investição nietzschiana dos valores, como algo que está além da crença na oposição dos valores. Ele aparece como uma espécie de operador da transvaloração de todos os valores, uma das manifestações da vida como vontade de potência. E, nesse sentido, é surpreen-

dente como Kant e Nietzsche ligam o riso com a vontade orgânica, com a vida que aspira mais vida.

Essa, no entanto, não é a única ligação. A transvaloração dos valores atira para um mais além da gênese dos valores, num espaço absoluto que pode mostrar a infinitude que não está além das coisas, mas no nada. Chegamos ao mesmo nada de Kant que, sob a visada de Nietzsche, é, paradoxalmente, o nada que valoriza, que mostra simplesmente o valor da vida. Esse nada é ameaçador e pode aparecer como caos a partir de uma perspectiva submetida a valores que confinam a vida. É o que parece estar dito em *O nome da rosa* com a questão do desaparecimento do trabalho de Aristóteles sobre o “Riso”. À espreita de uma ideologia que fabrica valores destruidores de vida surge, soberano, o riso na perspectiva da transvaloração. Essa é a sugestão de Umberto Eco na sua fantasia filosófica sobre a aventura detetivesca de Guilherme de Baskerville à sombra de um Cristo que nunca riu. Tão somente o “riso” poderia explodir o arcobouço estéril construído por uma fé que nega a vida. A versão para o cinema coloca de um modo explícito: “O riso acaba com o medo, a ausência do medo acaba com a fé. Se podemos rir de Deus chegamos ao caos.” No livro, o riso aparece como um instrumento da dúvida, antagonista do dogma, e como uma forma de racionalidade que pode ser o veículo da transvaloração cujo endereço é o nada: *Deus non est*.

“O ânimo é sereno somente quando contempla a verdade e se deleita com o bem realizado, e da verdade e do bem não se ri. Eis porque Cristo não ria. O riso é incentivo da dúvida.

Mas às vezes é justo duvidar.

Não vejo razão para isso. Quando se duvida deve-se recorrer a uma autoridade, às palavras de um padre ou um doutor, e acaba qualquer dúvida. A mim me pareceis embebido de doutrinas discutíveis, como as dos lógicos de Paris. Mas São Bernardo soube bem intervir contra o castrado Abelardo que queria submeter todos os problemas ao crivo frio e sem vida de uma razão não iluminada pelas escrituras, pronunciando o seu *é assim* e não *é assim*. Certamente quem aceita essas idéias perigosíssimas pode também apreciar o jogo do insipiente que ri daquilo que somente se deve saber a verdade única, que já foi dito de uma vez por todas. Rindo, o insipiente diz implicitamente: ‘*Deus non est*’.” (1983, p. 159)

A partir da possibilidade de submeter a palavra revelada ao crivo da razão e do riso e chegar até rir de Deus contra Jorge de Burgos é fácil evocar os deuses gregos que tanto ocuparam a imaginação de Nietzsche como o antídoto para o cristianismo desse Cristo que não ri.

Podemos pensar em outra história sobre o riso que ilustra a posição de Nietzsche. Um dos belos momentos em que os deuses do Olimpo são descritos rindo é quando Hefáisto os chama para flagrar o adultério de Afrodite. Em uma interpretação ligeira poderíamos dizer que eles riem pela repressão compartilhada e que, assim projetada, pode ser vivida prazerosamente. Mas com Nietzsche há uma outra perspectiva: eles riem do ridículo de Hefáisto pois, para além dos valores do casamento, quem não desejaria assim a beleza de Afrodite simplesmente pela beleza de Afrodite?

“E reputemos perdido o dia em que não se dançou nem *uma* vez! E digamos falsa toda a verdade que não teve, a acompanhá-la, nem *uma* risada!” (1986, p. 217).

Mas é ainda em Umberto Eco que encontramos a perspectiva mais exaltada sobre o riso, uma perspectiva que transforma o nada kantiano para o qual aponta o riso em puro ser, o ser de uma afirmação da vida que recolhe todo o sol da sabedoria de Zaratustra:

“Mal Deus acabou de rir nasceram sete deuses que governaram o mundo, mal desatou a rir apareceu a luz, na segunda risada apareceu a água, e no sétimo dia que ria apareceu a alma [...]” (1983, p. 525).

O riso como princípio da criação amplifica e transpõe os percursos filosóficos que desembocam nesse nada e nessa plenitude que se derramam sobre a vida: “função vital promovida no corpo” e sua materialidade.

Referências bibliográficas

- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.